

## COMPETITIVIDADE DA CADEIA PRODUTIVA DA CARNE BOVINA NO ESTADO DO TOCANTINS<sup>1</sup>

Waldecy Rodrigues<sup>2</sup>, Anna Paula Araújo<sup>3</sup>, José Fernando Lunckes<sup>4</sup>, Adriano Firmino Araújo<sup>2</sup>

### ABSTRACT

COMPETITIVENESS OF THE BEEF CATTLE PRODUCTION  
CHAIN IN THE STATE OF TOCANTINS, BRAZIL

The objective of this paper is to discuss and analyze the beef cattle chain competitiveness in the State of Tocantins, Brazil, based on some indicators and using as parameters three Brazilian states, which present the largest slaughtering and beef cattle production volume numbers: Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, and São Paulo. The beef cattle chain, in Tocantins, depicts a formation process scenery and, as compared to the other three mentioned states, a still low competitive performance. The detailed examination of the present situation points out that, in all segments studied (livestock production, slaughtering/processing, distribution, and consumption), the indexes indicate a necessity of efforts to reach development factors that bring competitiveness and that will allow the Tocantins results to approach the national sector leaders.

KEY-WORDS: Beef cattle chain; competitiveness; Tocantins.

### RESUMO

O objetivo deste trabalho é avaliar a competitividade do sistema agroindustrial da carne bovina do Tocantins, com base em alguns direcionadores, tendo como parâmetro as três Unidades Federativas que apresentam os maiores números, em termos de abate, e o maior volume de produção de carne bovina: Mato Grosso do Sul, Minas Gerais e São Paulo. A cadeia produtiva da carne bovina do Tocantins apresenta um cenário em processo de formação e, em relação aos demais Estados analisados, um desempenho competitivo ainda baixo. O exame detalhado da situação atual desta cadeia aponta que, em todos os segmentos analisados (produção pecuária, abate/processamento, consumo e distribuição), os índices indicam a necessidade de esforços na busca do desenvolvimento de fatores que gerem competitividade e que permitam aproximar o resultado do Tocantins aos líderes nacionais nesse setor.

PALAVRAS-CHAVE: Cadeia produtiva da carne; competitividade; Tocantins.

### INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é avaliar a competitividade da cadeia produtiva da carne bovina do Tocantins, com base em alguns direcionadores, tendo como parâmetro as três Unidades Federativas que apresentam os maiores números, em termos de abate, e o maior volume de produção de carne bovina: Mato Grosso do Sul, Minas Gerais e São Paulo, respectivamente.

Silva & Batalha (1999) propõem a utilização do enfoque sistêmico para a análise da competitividade de cadeias produtivas agroindustriais. O estudo da cadeia produtiva, como sistema, permite identificar os fatores que afetam o seu desempenho global

(competitividade) e entender como ela funciona. Estes fatores são classificados da seguinte maneira: fatores controlados pela firma, fatores controlados pelo Governo, fatores quase controláveis e fatores não controláveis.

A análise da competitividade tem sido tema recorrente no Brasil, principalmente a partir da década de 1990. É consenso, entre os autores, que a competitividade saiu da esfera das empresas, passando a ocorrer entre cadeias produtivas e sistemas industriais ou agroindustriais específicos. Esta mudança é fruto da globalização e da integração econômica de regiões e países. A competição passou a ser global, exigindo, tanto dos governos quanto da iniciativa privada, o estabelecimento de políticas que contribuam para

1. Trabalho recebido em fev./2009 e aceito para publicação em out./2009 (nº registro: PAT 5540).

2. Universidade Federal do Tocantins, Programa de Mestrado em Desenvolvimento Regional, Palmas, TO, Brasil.

*E-mails:* waldecy@terra.com.br, afva77@yahoo.com.br.

3. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins, Unidade de Palmas, Curso de Agronegócio, Palmas, TO, Brasil. *E-mail:* aps.araujo@gmail.com.

4. Instituto Tocantinense Presidente Antônio Carlos, Departamento de Ciências Contábeis, Araguaína, TO, Brasil.

*E-mail:* lunckes@uol.com.br.

que os sistemas produtivos possam ter sustentabilidade, traduzida pela permanência ou ampliação da participação no mercado mundial.

O Brasil vem consolidando, ao longo dos últimos anos, a posição de segundo maior produtor mundial de carne bovina, assumindo, desde 2004, a posição de maior exportador do produto. No contexto da produção de carne bovina, nos últimos anos, o destaque está no crescimento das exportações, que passaram de 370 mil toneladas equivalente carcaça, em 1998, para 2.100 mil toneladas equivalente carcaça, em 2006, gerando uma receita de 3.788.603 dólares. A taxa de desfrute, no mesmo período, passou de 22,88% para 28,57% (Nehmi Filho 2007).

No cenário nacional, o Estado do Tocantins ocupa o 11º lugar no *ranking* de abate de bovinos e na produção de carne. Embora participe com menos de 2% do total da carne exportada pelo país, houve significativo aumento nos índices de exportação, passando de 276.499 kg, em 2000, para 21.025.938 kg, em 2006 (Nehmi Filho 2007). Apesar de não ocupar as primeiras posições no *ranking* nacional, a pecuária bovina tocaninense é de extrema importância para a economia do Estado, que ainda baseia-se em atividades primárias.

A divisão do trabalho é feita em quatro partes. Após a introdução, são apresentados os materiais e métodos, incluindo-se aspectos relacionados à competitividade, onde são definidos os direcionadores que serão utilizados na análise da cadeia produtiva da carne bovina. Posteriormente, o modelo analítico é utilizado, onde os direcionadores de competitividade são aplicados, no caso do Estado do Tocantins, em comparação com os Estados líderes do setor no Brasil (Mato Grosso do Sul, Minas Gerais e São Paulo). Por fim, são apresentadas as considerações finais.

## MATERIAL E MÉTODOS

Silva & Batalha (1999) apresentam uma proposta metodológica dividida em três partes, para a realização do estudo da competitividade das cadeias produtivas. Inicialmente, propõem a caracterização da cadeia produtiva, para entender sua estrutura e funcionamento. Depois, a seleção de direcionadores de competitividade, que nada mais são do que os fatores controláveis ou não controláveis, representados por estrutura de mercado, tecnologia adotada, gestão empresarial, insumos utilizados e ambiente institucional, entre outros. Estes direcionadores de

competitividade devem ser divididos em subfatores, para facilitar a análise. A terceira etapa consiste em verificar o impacto, em termos qualitativos, dos subfatores nos direcionadores de competitividade.

Para o desenvolvimento do presente trabalho, foi feita uma adaptação da proposta metodológica de Silva & Batalha (1999). Na etapa inicial, é apresentada a caracterização da cadeia produtiva da carne bovina do Estado do Tocantins. Em seguida, são analisadas as etapas da produção pecuária (produção primária), do abate e processamento e do consumo e distribuição, confrontando-se os indicadores, de forma quantitativa e analítica, com os dados de cadeias produtivas dos Estados de Mato Grosso do Sul, Minas Gerais e São Paulo, utilizadas como parâmetros para a análise da competitividade.

## CARACTERIZAÇÃO DA CADEIA PRODUTIVA DA CARNE BOVINA NO TOCANTINS

A Região Norte do Brasil possui 20,03% do rebanho nacional de bovinos, ficando o Estado do Tocantins com 3,84% do rebanho brasileiro, situando-se em décimo primeiro lugar no *ranking* nacional. O rebanho tocaninense de bovinos, no ano de 2005, era composto de 7.961.926 cabeças, sendo 94,1% correspondente ao gado de corte, envolvendo, aproximadamente, 60.161 produtores (IBGE 2005).

A atividade pecuária no Estado do Tocantins é realizada, essencialmente, de forma extensiva. Em 2006, o Estado possuía 60.900 cabeças de bovinos confinados e 108.810 em semiconfinamento, o que representa apenas 2,30% do total do rebanho existente no Estado. Embora a atividade pecuária esteja presente em, praticamente, todo o Estado, o lado ocidental do Rio Tocantins apresenta um nível de desenvolvimento superior, em relação à região oriental, pois representa cerca de 80% do total do rebanho (Tabela 1).

A cadeia da carne bovina, no Estado do Tocantins, está representada na Figura 1, incluindo seus principais elos, atores e conexões. No segmento de produção pecuária, observa-se a existência de três sistemas de produção, nas relações entre a atividade de criação e a estrutura de abate e processamento. Foram identificados os produtores independentes do Tocantins, produtores independentes de outros Estados e, ainda, o sistema de produtores cooperados. Todos eles atendem à planta industrial e apenas os primeiros abastecem os abatedouros/matadouros.

Tabela 1. Distribuição da bovinocultura no Estado do Tocantins (2005).

| Mesorregiões, Microrregiões   | Bovinos   | %      |
|-------------------------------|-----------|--------|
| Tocantins                     | 7.961.926 | 100,00 |
| Região Ocidental do Tocantins | 6.364.913 | 79,94  |
| Bico do Papagaio              | 722.053   | 9,07   |
| Araguaína                     | 1.730.600 | 21,74  |
| Miracema do Tocantins         | 1.577.570 | 19,81  |
| Rio Formoso                   | 1.258.130 | 15,80  |
| Gurupi                        | 1.076.560 | 13,52  |
| Região Oriental do Tocantins  | 1.597.013 | 20,06  |
| Porto Nacional                | 395.348   | 4,97   |
| Jalapão                       | 376.190   | 4,72   |
| Dianópolis                    | 825.475   | 10,37  |

Fonte: IBGE (2005).

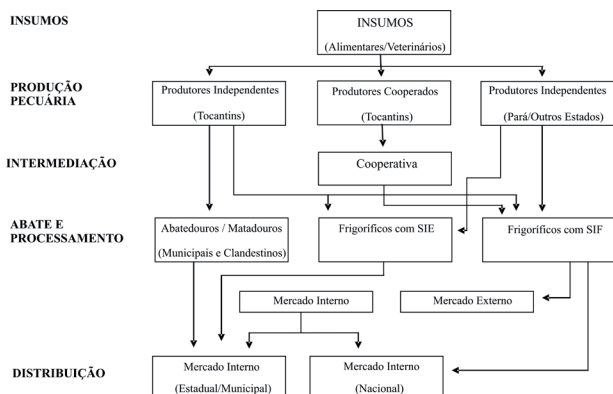


Figura 1. Fluxograma da cadeia produtiva da carne bovina do Tocantins (2007).

Em alguns casos, aparece a figura do intermediário, na negociação entre os produtores independentes e os frigoríficos. A relação entre estes agentes é bastante informal, não existindo estabelecimento de contratos formais prévios entre as partes. A negociação, geralmente, ocorre quando o gado está no ponto de abate e o produtor negocia livremente com qualquer frigorífico ou com o intermediário.

A inclusão dos produtores de outros Estados, no fornecimento de animais para o abate, só foi possível a partir da quebra da barreira sanitária, desencadeada, em parte, pela alta ociosidade existente nos frigoríficos. O Estado do Tocantins, por ser considerado área livre da febre aftosa, dificultava a entrada de animais de outras localidades.

No setor de abate e processamento, verificou-se que a atividade é desenvolvida por abatedouros/

matadouros que atendem, especificamente, à demanda local (dentro do Estado); frigoríficos com Sistema de Inspeção Estadual (SIE), vinculados, basicamente, à demanda nacional e regional; e frigoríficos com Sistema de Inspeção Federal (SIF), considerados mais modernos e voltados para a demanda nacional e exportação.

A caracterização da cadeia produtiva da carne bovina, desenvolvida neste trabalho, permitiu identificar, no segmento de abate e processamento, três modalidades de organização, classificadas em matadouros ou abatedouros, que atendem, quase exclusivamente, ao mercado consumidor dentro do Estado, não havendo disponibilidade de números oficiais que informem a quantidade desses estabelecimentos; indústrias frigoríficas com SIF, representadas por 13 frigoríficos; e indústrias frigoríficas com SIE, constituídas por quatro frigoríficos (Tabelas 2 e 3).

Constatou-se a existência de capacidade ociosa, em todos os frigoríficos do Estado. Mesmo assim, ocorreram investimentos no setor, por parte de empresas líderes no mercado nacional de carnes,

Tabela 2. Capacidade de abate e ociosidade das indústrias frigoríficas com SIF, no Estado do Tocantins (2005).

| Empresa            | Capacidade/abate/mês | Abate/médio/mês | Ociosidade    |
|--------------------|----------------------|-----------------|---------------|
| Cooperfrigu        | 17.500               | 13.517          | 3.983         |
| Frinorte           | 18.750               | 14.022          | 4.728         |
| Boi Forte          | 16.000               | 14.051          | 1.949         |
| Frinorte Colinas   | 10.000               | 8.087           | 1.913         |
| Frigopalmas        | 8.000                | 1.639           | 8.558         |
| Santa Marina       | 10.000               | 6.526           | 3.897         |
| Boi Brasil         | 8.000                | 4.800           | 5.368         |
| Margem Paraíso     | 11.700               | 7.853           | 5.924         |
| Margem n. Olinda   | 10.400               | 8.782           | 3.400         |
| Aragotins          | 9.000                | Implantado      | 9.000         |
| Leal               | 0                    | Em construção   | 0             |
| Frigorífico Cariri | 0                    | Em construção   | 0             |
| Bocato             | 0                    | Em construção   | 0             |
| <b>Total</b>       | <b>119.350</b>       | <b>79.277</b>   | <b>48.720</b> |

Fonte: Sindicarnes (2006).

Tabela 3. Capacidade de abate e ociosidade das indústrias frigoríficas com SIE, no Estado do Tocantins (2005).

| Empresa           | Capacidade/abate/mês | Abate/médio/mês | Ociosidade   |
|-------------------|----------------------|-----------------|--------------|
| Com. Carne        | 4.680                | 816             | 3.864        |
| Paulon e Maia     | 1.300                | 706             | 594          |
| Frigorífico Ideal | 5.000                | 1.421           | 3.579        |
| Assocarne         | 3.900                | 2.286           | 1.614        |
| <b>Total</b>      | <b>14.880</b>        | <b>5.229</b>    | <b>9.651</b> |

Fonte: Sindicarnes (2006).

através da aquisição de frigoríficos já existentes no Estado. Exemplo disso é o investimento feito pela Indústria e Comércio de Carnes Minerva Ltda., em maio de 2007, na aquisição do Frigorífico Aragoitins Ltda., localizado na cidade de Araguaína.

A Indústria e Comércio de Carnes Minerva Ltda. possui três complexos industriais e três centros de distribuição, localizados nos Estados de São Paulo, Goiás, Mato Grosso e Pará, sendo, este frigorífico, o terceiro maior exportador de carne do Brasil. O investimento foi feito com o objetivo de produzir carne para exportação. Atualmente, a capacidade de abate da unidade adquirida é de 200 animais/dia, mas há previsão de se chegar a 800 animais/dia, até o final de 2007. Outro negócio, em fase de conclusão, é a aquisição da Frinorte Alimentos Ltda., em Araguaína, pelo Grupo Bertin, indicando o interesse dos investidores no potencial do Estado (Minerva... 2007).

A ociosidade apresentada pelos frigoríficos do Estado, de acordo com as lideranças empresarias, tem como principais causas a venda de bezerros para outros Estados e a saída de gado vivo para abate, em frigoríficos localizados fora do Tocantins. A venda de bezerros, assim como a saída de bovino vivo do Estado, faz com que se reduza o quantitativo de animal gordo ofertado, pelos produtores, aos frigoríficos locais. Em ambos os casos, há incentivos tributários, com a redução da base de cálculo do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS).

A reivindicação das indústrias frigoríficas, em relação à saída de bovino para abate em outros Estados, é de que não haja incentivos tributários, fazendo com que a industrialização ocorra dentro do Tocantins. Esta reivindicação é pertinente, uma vez que o abate em frigoríficos de outros Estados é prejudicial para a economia tocantinense, sob vários aspectos, pois não há agregação de valor ao produto primário, fazendo com que haja menos geração de tributos, emprego e renda, refletindo no grau de desenvolvimento do Estado.

#### AVALIAÇÃO COMPARATIVA DOS MECANISMOS IMPULSIONADORES DA COMPETITIVIDADE

##### *Produção e processamento de carne bovina*

Na Tabela 4, são apresentados a evolução do efetivo rebanho<sup>1</sup>, movimento de abate, produção de

carne e taxa de desfrute de bovinos do Brasil, Tocantins, Minas Gerais, São Paulo e Mato Grosso do Sul, no período de 2000 a 2007.

Em se tratando de efetivo rebanho, o Tocantins se situa abaixo dos líderes nacionais, porém, com uma tendência mais forte de crescimento, situação que o difere dos demais avaliados, já que estes apresentam uma leve queda no número de bovinos. O Tocantins participa com 3,84% de todo o rebanho, enquanto Minas Gerais e Mato Grosso do Sul representam, respectivamente, 10,33% e 11,83%. O rebanho tocantinense já se aproxima da participação de São Paulo, que é de 6,48%, em relação ao efetivo nacional. Considerando-se, a partir dos dados analisados, que este último vem decrescendo, a tendência demonstrada é um distanciamento, cada vez menor, entre esses Estados.

No ano de 2006, foram abatidas em torno de 1,4 milhões de cabeças de bovinos, no Tocantins. Desse abate, aproximadamente 72% são realizados e registrados formalmente, em estabelecimentos com inspeção, e cerca de 28% são efetuados sem registro, em alguns dos matadouros/abatedouros com inspeção municipal. Contudo, verifica-se que os abates com sistema de inspeção federal representam algo próximo de 94% da média de abates inspecionados. Nessa atividade, ainda persistem situações de abate clandestino, em grande parte resultante dos frágeis mecanismos de controle da fiscalização sanitária municipal e estadual.

A competitividade do setor, no segmento de abate, é constatada através da comparação entre os três Estados analisados no trabalho. O Tocantins demonstra crescimento de 43,70%, no período de 2000 a 2006. Minas Gerais, São Paulo e Mato Grosso do Sul obtiveram crescimento, respectivo, de 46,38%, 13,18% e 39,29%. O Tocantins acompanha o crescimento desses Estados, com exceção de São Paulo, que apresenta pequena evolução no período. No entanto, apesar de estarem superando a média nacional, em crescimento percentual, que é de 35,74%, os números do Tocantins para abate/cabeça ainda estão muito abaixo dos praticados nos Estados analisados.

A taxa de desfrute, um dos mecanismos usados para avaliar a competitividade das cadeias produtivas

<sup>1</sup> O efetivo de rebanho no Tocantins apresenta dados divergentes, variando de acordo com a fonte consultada. Enquanto, para o IBGE, o total do rebanho, em 2005, é de 7.961.926 cabeças, o Anuário da Pecuária Brasileira (Nehmi Filho 2007), editado pela Agra FNP Pesquisas Ltda., aponta um total de 5.952.316 cabeças, para o mesmo ano. Esta divergência entre dados dificulta uma análise mais precisa. Todavia, fez-se a opção por trabalhar com os números do Anualpec 2007, por este conter informações de 2006 e apresentar perspectivas para o ano de 2007.

Tabela 4. Efetivo rebanho, movimento de abate, produção de carne e taxa de desfrute no Brasil, Tocantins (TO), Minas Gerais (MG), São Paulo (SP) e Mato Grosso do Sul (MS).

| Região   | 2000        | 2001        | 2002        | 2003        | 2004        | 2005        | 2006        | 2007(*)     |
|--|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|
| <i>Efetivo de rebanho (cabeças)</i>  |             |             |             |             |             |             |             |             |
| Brasil   | 160.526.413 | 164.508.309 | 169.186.249 | 171.798.603 | 172.866.877 | 171.391.790 | 164.961.961 | 159.340.505 |
| TO   | 5.624.409   | 5.753.073   | 5.915.359   | 5.986.337   | 5.968.410   | 5.952.316   | 5.860.485   | 5.804.050   |
| MG   | 19.668.693  | 20.122.371  | 20.601.230  | 20.828.626  | 20.669.417  | 20.254.770  | 19.225.116  | 18.248.083  |
| SP   | 12.172.500  | 12.165.301  | 12.299.992  | 12.418.259  | 12.387.286  | 11.930.437  | 10.923.607  | 9.982.534   |
| MS   | 20.539.048  | 20.643.650  | 20.761.704  | 20.648.594  | 20.395.966  | 19.937.419  | 18.732.685  | 17.680.566  |
| <i>Movimento de abate (cabeças)</i>  |             |             |             |             |             |             |             |             |
| Brasil   | 34.730.065  | 35.951.209  | 37.074.828  | 38.809.376  | 40.831.271  | 44.008.692  | 47.143.806  | 43.862.130  |
| TO   | 977.149     | 921.530     | 994.648     | 1.119.476   | 1.217.679   | 1.301.227   | 1.404.148   | 1.333.977   |
| MG   | 4.047.263   | 4.106.930   | 4.243.699   | 4.506.709   | 4.849.472   | 5.300.215   | 5.924.335   | 5.438.716   |
| SP   | 4.973.095   | 4.930.229   | 4.704.099   | 4.712.093   | 5.007.314   | 5.375.775   | 5.628.783   | 5.031.017   |
| MS   | 4.121.752   | 4.429.518   | 4.593.445   | 4.686.171   | 4.789.423   | 5.164.713   | 5.741.290   | 5.174.347   |
| <i>Produção de carne (tonelada equivalente carcaça)</i>  |             |             |             |             |             |             |             |             |
| Brasil   | 6.497.141   | 6.785.425   | 6.933.574   | 7.125.692   | 7.510.320   | 8.069.580   | 8.581.686   | 8.126.134   |
| TO   | 188.472     | 173.718     | 182.417     | 198.789     | 219.036     | 235.928     | 251.506     | 240.067     |
| MG   | 717.321     | 726.461     | 749.576     | 776.044     | 830.277     | 907.359     | 1.002.528   | 937.601     |
| SP   | 952.758     | 945.574     | 891.990     | 880.336     | 937.233     | 1.003.989   | 1.047.854   | 948.956     |
| MS   | 742.028     | 840.976     | 855.341     | 856.341     | 873.127     | 932.370     | 1.016.973   | 939.701     |
| <i>Taxa de desfrute (relação entre o número de animais abatidos e o total de cabeças no rebanho)</i> |             |             |             |             |             |             |             |             |
| Brasil   | 21,6        | 21,9        | 21,9        | 22,6        | 23,6        | 25,7        | 28,6        | 27,5        |
| TO   | 17,6        | 16,4        | 17,3        | 18,9        | 20,3        | 21,8        | 23,6        | 22,8        |
| MG   | 20,9        | 20,9        | 21,1        | 21,9        | 23,3        | 25,6        | 29,2        | 28,3        |
| SP   | 41,0        | 40,5        | 38,7        | 38,3        | 40,3        | 43,4        | 47,2        | 46,1        |
| MS   | 21,2        | 21,6        | 22,3        | 22,6        | 23,2        | 25,3        | 28,8        | 27,6        |

\*Estimativa. Fonte: Nehmi Filho (2007).

de carne, demonstra, no Tocantins, um resultado abaixo daqueles apresentados pelos líderes nacionais analisados. Entretanto, não apresenta um distanciamento muito grande da média brasileira. Contudo, quando comparado ao líder nacional, São Paulo, percebe-se que há um desafio a ser vencido. São Paulo abateu, em 2006, 47,6% do seu rebanho, enquanto o Tocantins abateu somente 22,8% de seu efetivo.

Cabe destacar que o Tocantins apresenta uma grande área potencial para a agricultura e pecuária, ainda inexplorada, e o desafio se traduz na ampliação dos números em quantitativos, que ainda se encontram distantes dos demais Estados objetos da análise.

### Consumo

No ano de 2003, nos Estados de Minas Gerais, São Paulo, Mato Grosso do Sul e Tocantins, o consumo *per capita* anual de carnes estava, respectivamen-

te, em torno de 34 kg, 37 kg, 42 kg e 38 kg. Desse total, aproximadamente 31% (MG), 42% (SP), 52% (MS) e 53% (TO) representam consumo de carne bovina (tabela 5).

Entretanto, deve-se ressaltar que a carne bovina do Tocantins possui um mercado consumidor localizado, principalmente, em outros Estados brasileiros e outros países, sendo o mercado dentro dos

Tabela 5. Consumo alimentar domiciliar *per capita* anual de carnes, nos Estados de MG, SP, MS e TO (2003).

| Tipos de Carnes              | Consumo <i>per capita</i> anual |       |       |       |
|------------------------------|---------------------------------|-------|-------|-------|
|                              | kg                              |       |       |       |
|                              | MG                              | SP    | MS    | TO    |
| Carnes (Bovina, Suína, Aves) | 34,84                           | 37,66 | 42,60 | 38,96 |
| Carne Bovina                 | 11,02                           | 15,94 | 22,19 | 20,80 |
| Carnes/Carne Bovina (%)      | 31,64                           | 42,33 | 52,09 | 53,38 |

Fonte: IBGE (2005).

limites geográficos do Tocantins pouco significativo, em consequência do baixo índice populacional, além de outros fatores, como a renda *per capita*. Os canais de distribuição da carne bovina, no Tocantins, são supermercados, açougues e freiras livres. De forma geral, estes canais mostram-se pouco susceptíveis à modernização e às tendências nacionais.

### Exportações

O Tocantins, quando comparado aos três Estados de maior referência na bovinocultura do País, demonstra que ainda não dispõe de espaço significativo no cenário exportador da carne bovina, com uma participação próxima a 1% do volume exportado pelo Brasil (Figura 2).

Essa situação, no Tocantins, ocorre, em parte, por uma situação semelhante àquela diagnosticada por Coleman et al. (2004), onde parte da carne bovina produzida no Mato Grosso do Sul é enviada para unidades industriais (matrizes e filiais), situadas, principalmente, no Estado de São Paulo, onde é habilitada para exportação. No Tocantins, há frigoríficos que enviam sua produção para unidades exportadoras de Goiás e, só então, para outros países. Sendo assim, fica difícil analisar, com exatidão, qual a participação, em termos de produção própria de cada Estado, na exportação nacional.

Observa-se que, apesar do pouco volume de exportação, o que reflete em pequena participação nas exportações nacionais, o Tocantins, nos três últimos anos, apresenta um crescimento significativo, buscando, assim, ampliar seus índices. Quando comparado aos líderes no segmento, o que se nota é que São Paulo e Mato Grosso do Sul tiveram queda,

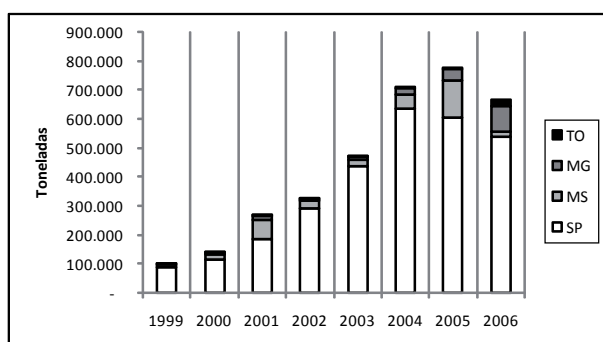


Figura 2. Evolução da exportação da carne desossada congelada de bovinos e da carne desossada fresca e refrigerada de bovinos. Fonte: MDIC (2007).

no período analisado, sendo mais acentuada nos últimos anos. Minas Gerais e Tocantins apresentam crescimento, sendo que este alcança expressivas taxas de crescimento em suas exportações. Trata-se de um robusto indício da ampliação da competitividade no Tocantins (Figura 3).

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cadeia produtiva da carne bovina do Tocantins apresenta um cenário em processo de formação e, em relação aos demais Estados analisados, um desempenho competitivo ainda baixo. O exame detalhado da situação atual desta cadeia aponta que, em todos os segmentos analisados (produção pecuária, abate/processamento, consumo e distribuição), os números indicam a necessidade de esforços, na busca do desenvolvimento de fatores que gerem competitividade e que permitam aproximar o resultado do Tocantins daqueles dos líderes nacionais nesse setor.

O Estado do Tocantins apresenta algumas oportunidades e gargalos para o desenvolvimento dessa cadeia produtiva. Comparativamente aos líderes nacionais, a pecuária de corte do Estado apresenta, como ponto favorável, a possibilidade do aproveitamento mais racional da área utilizada, ou até mesmo a incorporação de novas áreas a sistemas mais eficientes de produção. Também, destaca-se que, apesar de a população do Estado (mercado interno) ser relativamente pequena, o Tocantins mantém uma forte tendência ao consumo da carne bovina. A participação no mercado externo, quando comparada com os Estados líderes, ainda é bastante reduzida, porém, é crescente, ao longo do tempo, com boas perspectivas futuras.

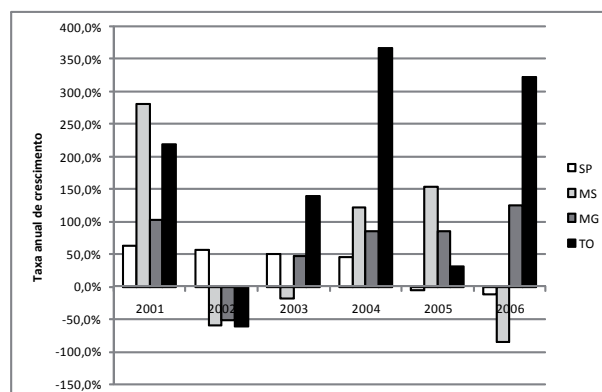


Figura 3. Crescimento percentual das exportações de Minas Gerais, Mato Grosso do Sul, São Paulo e Tocantins. Fonte: MDIC (2007).

Destaca-se, ainda, enquanto gargalo da cadeia produtiva da carne no Tocantins, uma pequena capacidade instalada para o processamento de carnes. Aliado a isso, os frigoríficos instalados no Estado apresentam relativa ociosidade. Isso ocorre, principalmente, pela venda de bezerros para outros Estados e saída de gado vivo para abate, em frigoríficos localizados fora do Tocantins. A venda de bezerros, assim como a saída de gado vivo do Estado, faz com que se reduza o quantitativo de gado gordo ofertado pelos produtores aos frigoríficos locais. Em ambos os casos, há incentivos tributários, com redução da base de cálculo do ICMS.

A reivindicação das indústrias frigoríficas, em relação à saída do gado bovino para abate em outros Estados, é de que não haja incentivos tributários, fazendo-se com que a industrialização ocorra dentro do Tocantins. Esta reivindicação é pertinente, uma vez que o abate em frigoríficos de outros Estados é prejudicial para a economia tocantinense, sob vários aspectos, pois não há agregação de valor ao produto primário, fazendo com que haja menos geração de tributos, emprego e renda, refletindo no grau de desenvolvimento do Estado.

#### REFERÊNCIAS

- CALEMAN, S. M. Q.; SPROESSER, R. L.; MICHELS, I. L. Evolução e perspectivas para a indústria de abate e frigorificação de carne bovina em Mato grosso do Sul. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL, 42., 2004, Cuiabá. *Anais...* Cuiabá: Sober, 2004. p. 1-15.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Pesquisa municipal agropecuária*. 2005. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 01 jun. 2007.
- MINERVA instala nova unidade hoje no Norte. *Jornal do Tocantins*, Palmas, 18 maio 2007. Caderno de Economia.
- MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO EXTERIOR (MDIC). *Indicadores e estatísticas de comércio exterior*. 2007. Disponível em: <<http://www.mdic.gov.br>>. Acesso em: 02 jul. 2007.
- NEHMI FILHO, V. A. Novo ciclo de alta da pecuária começa em 2007. In: ANUÁRIO da pecuária brasileira 2007 (Anualpec). São Paulo: Instituto FNP, 2007. p. 16-17.
- SILVA, C. A. B; BATALHA, M. O. Competitividade em sistemas agroindustriais: metodologia e estudo de caso. WORKSHOP BRASILEIRO DE GESTÃO DE SISTEMAS AGROALIMENTARES, 2., 1999, Ribeirão Preto. *Anais...* Ribeirão Preto: PENSEA/FEA/USP, 1999. p. 9-20.
- SINDICATO DAS INDÚSTRIAS DA CARNE DO ESTADO DO TOCANTINS (Sindcarnes). *Informações estatísticas dos frigoríficos no Tocantins*. Palmas: Sindcarnes, 2006.